

“AMERICANIZAÇÃO DO RECIFE” :

A MODERNIDADE NO RECIFE ENTRE OS ANOS DE 1937 A 1945*

Clevandir Neves**

Prof. MS. Augusto Neves Silva (Orientador)***

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o processo de americanização da cidade do Recife. O conceito de "Americanização" utilizado nesse trabalho toma por base as formulações construídas pelo Historiador Antônio Pedro Tota. O recorte temporal da narrativa aqui em tela é de 1937 a 1945, período que corresponde ao governo do interventor Agamenon Magalhães, Nesses anos, a Política da Boa Vizinhança norte americana ganhava espaço em diversos meios culturais do país. Em especial na cidade Recife, que passava por um processo de modernização. Diante disso, por meio deste trabalho foi possível analisar como esta política de aproximação Norte-americana influenciou o plano de modernização implantado na capital pernambucana pelo grupo político que estava no poder. Para tanto, produzimos um profícuo diálogo com a historiografia sobre o tema em questão, bem como utilizamos matérias de jornais produzidas naqueles anos.

Palavras-chave:. Estado Novo. Modernidade. Recife. Americanização

ABSTRACT

This article aims to analyze the process of americanization of Recife. The concept of "Americanization" used in this work is based on the formulations constructed by the historian Antônio Pedro Tota. The time frame of the narrative here in screen from 1937 to 1945, a period that corresponds to the government interventor Agamenon Magalhães. In those years, the Policy of Good Neighbourhood north american influenced the modernization plan implemented in the capital of Pernambuco by the political group which was in power. Therefore, we produce a fruitful dialogue with historiography on the subject in question and use materials of the newspaper produced in those years.

Key-words: New state. Modernity. Recife. Americanization

* Artigo apresentado para conclusão do curso de graduação de Licenciatura Plena em História da Faculdade Joaquim Nabuco: São Lourenço da Mata.

** Graduando do curso Licenciatura Plena em História pela Faculdade Joaquim Nabuco em São Lourenço da Mata. Endereço Eletrônico:clevandir@gmail.com

*** Prof. da Faculdade Joaquim Nabuco Mestre em História do Brasil pela UFPE.

1. A CHEGADA DE VARGAS AO PODER

Com um projeto político e baseando-se em ideais nacionalistas que surgiam no mundo do pós - Primeira Guerra, que sofreram influência de regimes¹ de governos totalitários da Europa, cujo poder se baseava na força das armas e na propaganda política, Getúlio Vargas² chega ao poder em 1930 através de um Movimento Armado que iria mudar os rumos políticos do país. Assim, Vargas começa a fazer sua política.

O governo³ de Vargas iniciava uma política com medidas necessárias à industrialização, lançaria as bases para a burocratização nacional. Apoiado pelo Movimento Tenentista⁴, pela ascendente burguesia industrial e parte das classes populares. Segundo a historiadora Ângela de Castro Gomes, o Brasil⁵ viveu nesse período, um leque de projetos inovadores que abrangeu o campo político e intelectual.

O governo⁶ de Vargas desfrutava de uma base de apoio sólida, porém não obteve êxito em neutralizar completamente a oposição. Nesse momento, o estado de São Paulo, que era considerado a “locomotiva da nação”, por se tratar do estado mais rico do país, que exigia do governo central a convocação de eleições para formar uma assembleia constituinte, que iria reformular a constituição do País. “A partir de novembro de 1935, o Congresso passou a aprovar uma série de medidas

¹ Regimes de governos totalitários são um sistema de governo em que todos os poderes ficam concentrados nas mãos dos governantes. Desta forma, no regime totalitário não há espaço para a prática da democracia.

² Nos anos 30, passou a atuar como único chefe da nação e, em nome de um projeto que julgava ser o melhor para o país, fechou o congresso, reprimiu as liberdades públicas, isolou os descontentes, perseguiu inimigo, cooptou possíveis opositores, impôs-se como chefe de Estado. D'ARAÚJO, Maria Celina: A era Vargas. São Paulo: Moderna, 1997.

³ ROSSI, Vanberto José: As duas faces do primeiro Governo Vargas. Disponível em: <http://www.memoriaoperaria.org.br/revistaelectronica/as-duas-faces-do-governo.pdf> acessado em 04 de abril de 2016.

⁴ O tenentismo foi um movimento social de caráter político-militar que ocorreu no Brasil nas décadas de 1920 e 1930, contou, principalmente, com a participação de jovens tenentes do exército. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/48764/referencias-bibliograficas-tiradas-na-internet-como-colocar-no-trabalho>. Acesso em: colocar data de acesso.

⁵ GOMES, Ângela de Castro: Sinais Sociais O Estado Novo e o debate sobre o populismo no Brasil, Rio de Janeiro, v.9 n. 25 p.1-136, maio-ago. 2014.

⁶ AMORIM, Geovane Aparecido de: O governo Vargas, uma breve contextualização. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/o_governo_vargas_uma_breve_contextualizacao.pdf. Acesso em: 28 de abril de 2016.

que cerceavam seu próprio poder, enquanto o executivo ganhava poderes de repressão praticamente ilimitados.”⁷

Em 1937⁸, Vargas, alegando uma ameaça comunista, decreta o fechamento do congresso nacional. Getúlio comparece a uma estação de rádio e anuncia que o país ganhara uma nova constituição, que o congresso estava sendo fechado e que a partir desse momento ele se transformava em chefe absoluto da nação. Assim, o Brasil entra no período chamado estado novo.

1.1 Mudanças de rural para urbano

Com a chegada de Vargas ao poder, em 1930, o projeto nacionalista ganha novas proporções:

“Com o governo Vargas, em 1930, surgiu um novo referencial orientador das políticas governamentais: esse referencial unia os ideais nacionalistas, cada vez mais disseminados entre a elite brasileira⁹.”

Era preciso eliminar resquícios da República Velha¹⁰ que impediam o crescimento da Nação.

Segundo GENTILINI¹¹, ao longo da história, a palavra “moderna” foi utilizada para distinguir o “antigo”, para romper com um passado que não se encaixava mais com o momento contemporâneo, como acreditavam as pessoas. Essa oposição esteve muito presente na sociedade brasileira nos séculos XIX e XX, quando, no mundo, ocorreram intensas mudanças políticas, sociais e econômicas, de forma que as inovações técnicas de uma sociedade, urbano-industrial mudaram o ritmo da sociedade e a mentalidade das pessoas, e as relações capitalistas de produção.

⁷ PANDOLFI, Dulce Chaves: Os anos de 1930: as incertezas do regime. In: ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.182.pdf>. Acessado em 04 de abril de 2016.

⁸ D'ARAÚJO, Maria Celina: A era Vargas., São Paulo: Moderna, 1997

⁹ PANDOLFI, Dulce Chaves: Repensando o estado novo. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.p.115

¹⁰ República Velha foi o período da história do Brasil que se estendeu da proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, até a Revolução de 1930. Para a Historiadora Ângela de Castro Gomes, O termo República Velha é uma construção histórica e ideológica do governo de Getúlio Vargas. A verdadeira intenção era associar o novo governo ao discurso de um Estado Novo e negar os governos anteriores, associando ao atraso ao velho. GOMES, Ângelo de Castro. A nova “Velha” República: um pouco de história e historiografia. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v13n26/a01v1326.pdf>. Acessado em 05 de maio de 2016.

¹¹ GENTILINI, João Augusto. Modernização do estado e Racionalização administrativa do sistema estadual de ensino em Minas Gerais (1987/1989). 1993. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas

A Era Vargas foi, a partir dessa ótica, um grande divisor de águas na História do Brasil. Até então, nenhum governo havia tentado colocar o país de fato no contexto Mundial de industrialização nem lançado bases para criar um mercado consumidor interno. Porém, o ideal varguista de modernização¹² inevitavelmente se chocou com a ideologia tradicional das oligarquias, as quais quiseram assegurar seus privilégios.

O primeiro¹³ governo Vargas foi marcado por uma série de reformas, mas foi no plano institucional que essa face reformadora revelou-se de forma mais clara, atingindo não só a estrutura do Estado, mas também suas relações com a sociedade. Construiu-se, de fato, um novo modelo político-institucional que permitiu aumentar o poder interventor do Estado e expandir a capacidade de incorporação do sistema político, abrindo espaço para a representação dos interesses dos novos atores ligados à ordem industrial emergente e dissolvendo a rigidez da estrutura de poder preexistente. Essa, pela inclusão de novos segmentos de elites, torna-se menos monolítica e mais heterogênea internamente.

1.2 Estado Novo

Com¹⁴ a implantação do Estado Novo, Vargas centralizou o poder em suas mãos. As liberdades civis foram restringidas, o Parlamento dissolvido, os Partidos políticos extintos. O comunismo transformou-se no inimigo público número um do regime, o estado perseguia os opositores com uma forte repressão policial. Mas, ao lado da violenta repressão, o regime adotou uma série de medidas que iriam provocar modificações substantivas no país. O Governo Vargas, e o Estado brasileiro passaram a exercer o papel intervencionista e promotor da modernização da estrutura produtiva do País.

¹² Modernidade é o “sentimento e vontade de ruptura, de superação, de espírito crítico, de visão do inacabado, da dúvida”, ao passo que modernização tem um “sentido puramente utilitário e instrumental”. Para aprofundamento ver GENTINILI, João Augusto. Modernização do estado e Racionalização administrativa do sistema estadual de ensino em Minas Gerais (1987/1989). 1993. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas p.37

¹³ PANDOLFI, Dulce Chaves: Repensando o estado novo. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 25.

¹⁴ Idem

A historiadora Emanuelle Lins¹⁵ coloca como principais características do estado novo a repressão policial, supressão das liberdades civis, estado como mediador de interesses dos grupos no poder, nacionalismo, centralização do poder, aliança do estado com os militares, fomento a industrialização, urbanização, controle e uso da imprensa para doutrinação das massas¹⁶ modernização do país entre outros pontos.

Segundo o Historiador Gildete Damascena¹⁷ implantação do Estado Novo por Getúlio Vargas, é o que vai servir de base para o conceito de modernidade a ser implantado no Brasil e aceito pela sociedade brasileira durante muitos anos. Pois, o¹⁸ regime implantado por Vargas tinha como meta transformar o Brasil em um país desenvolvido, para isso era preciso que ele fosse modernizado para equipara-lo as nações mais desenvolvidas da época.

2. CHEGADA DE AGAMENON E MODERNIZAÇÃO DO RECIFE

Segundo o historiador Paulo Raphael Pires Feldhues, Recife¹⁹ foi umas das cidades que mais passou por mudanças durante o Estado novo, e o responsável a frente dessas mudanças foi o interventor federal Agamenon Sergio de Godoi Magalhães que, em 1937, foi indicado por Getúlio Vargas para assumir a interventoria do estado de Pernambuco. O governo de Agamenon afastou as elites tradicionais do governo do estado e buscou a modernização da capital e de seus habitantes.

A historiadora Dulce Pandolfi diz²⁰ que a interventoria de Pernambuco era considerada por Vargas como um modelo para o Estado Novo, sendo o próprio

¹⁵ ANDRADE, Emanuelle Lins. Tio Sam Dançando Frevo: a Presença estadunidense nos periódicos de Recife (1937 a 1942). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UFPE, Recife- PE 2000

¹⁶ Multidão ou povo; aglomerado de pessoas. Para aprofundamento ver Dicionário Online de Português, disponível em: <<http://www.dicio.com.br/massa/>>. Acesso em 29 mar. 2016.

¹⁷ DAMASCENA, Gildete Jr: O discurso de modernidade na era Vargas como instrumento de poder e na afirmação de uma classe de gestores no estado brasileiro. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(21\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(21).pdf)>. Acesso em 08 abr. 2016

¹⁸ CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida N. (Orgs). O Brasil Republicano 2: o tempo no nacional-estatismo. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2006, p.119.

¹⁹ FELDHUES, Paulo Raphael Pires. Tradição e modernidade no Recife do Estado novo: Considerações à luz das propagandas políticas e comerciais. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UNB, Brasília - DF 2010.p.19

²⁰ Para aprofundamento ver Pernambuco de Agamenon Magalhães: consolidação e crise de uma elite política, Pandolfi, Dulce. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora massangana, 1984.

interventor, juntamente com Francisco Campos, Gustavo Capanema, Benedito Valadares, Marcondes Filho, Simões Lopes, Salgado Filho e Gois Monteiro, um dos construtores do Estado Novo. Além disso, um dos aspectos da interventoria de Pernambuco, a apontada pela a Historiadora Emanuelle Lins, foi²¹ a perseguição aos opositores. Pois, era perseguido tudo e todos que fossem apontados por ele, como perigosos, ou simplesmente não se encaixassem dentro do perfil da interventoria que ele estava construindo.

Segundo a Historiadora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida, uma²² das metas de Agamenon Magalhães era erradicar, em Recife, tudo que simbolizasse o velho, o obsoleto, ou seja, tudo que representasse a República Velha. Era necessário criar novos símbolos que ajudassem na construção de um imaginário de progresso, para então transformar Recife em uma grande metrópole brasileira da época. Esse era o plano de modernização assumido por Agamenon para a cidade do Recife.

2.1 Plano de modernização de Recife

Desde o início do século, a capital do estado já passava por mudanças urbanas. Assim, um projeto de mudanças urbanas para a cidade do Recife não foi uma exclusividade do estado novo:

A ênfase sobre um novo paradigma de Urbanização evidencia que o desejo de modernizar a Capital, ao menos em seu físico, sugere antes do impulso industrial brasileiro dos anos pós-30. Todavia, foi sob a influência do estado novo que a cidade ampliou suas formas de apresentação, passando seus habitantes a reclamar, com maior propriedade, a posição de centro moderno.²³

A historiadora Maria da Graça Andrade Ataíde de Almeida diz²⁴ que a proposta de modernização do Recife concentrasse na ideia de sanear, de embelezar o Recife, e esse processo, conseqüentemente, atingiria a urbanização da cidade.

²¹ Andrade, Emanuelle Lins. Tio Sam Dançando Frevo: a Presença estadunidense nos periódicos de Recife (1937 a 1942). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UFPE, Recife-PE, 2000.

²² ALMEIDA, M. G. A. A. A Construção da Verdade Autoritária. São Paulo.: Humanitas, 2001.p.124

²³ FELDHUES, Paulo Raphael Pires. Tradição e modernidade no Recife do Estado novo: Considerações à luz das propagandas políticas e comerciais. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UNB, Brasília - DF 2010.p.69.

ALMEIDA, M. G. A. A. A Construção da Verdade Autoritária. São Paulo: Humanitas, 2001.p.124 – 130.

Destruir o velho e construir o novo era prioridade para o governo que buscou erradicar os mocambos,²⁵ um projeto social com duas vertentes, construindo habitações populares, destruindo a tradição e buscando criar o novo, o moderno. Nessa busca pelo novo, parte do conjunto arquitetônico do Recife antigo foi destruído. Sobrados e becos deram lugar a novas ruas e avenidas.

O projeto de modernização para a cidade de Recife caracterizava-se, não somente pelas transformações urbanísticas, mas também por mudanças no modo de vida dos habitantes da cidade. Interferia em seu cotidiano e no de seus habitantes, na tentativa de desenvolver novos hábitos, que lavassem a um cotidiano “moderno”. Para introduzir esse ideal de modernidade do estado novista o governo fez uso dos meios de comunicação da época, principalmente os jornais.

2.2 Jornais no plano de modernização

Segundo o historiador Paulo Raphael Pires Feldhues, uma modernidade²⁶ dentro dos limites da ordem da interventoria de Agamenon exigia a compreensão de novos valores e, assim, o futuro promissor anunciado nas páginas dos Jornais. Assim, de acordo com a historiadora Maria das Graças Ataíde, o Jornal²⁷ Folha da Manhã fez parte desse projeto de modernização, sendo utilizado como a voz do projeto de Agamenon, colaborando para a construção de um ideário moldado no conceito do nascimento de uma nova cidade. O jornal Folha da Manhã tinha como objetivo criar um clima de ansiedade, de expectativa junto aos leitores recifenses, pois criava o sentimento na população de “querer” mudar. Uma vez que, se estavam acontecendo mudanças na cidade, realizadas pelo governo, essas mudanças eram para melhor.

A meta do governo era disseminar novos hábitos na população recifense, hábitos “modernos e Civilizados” propagados pelo Folha da Manhã. Dessa maneira cabia ao cidadão a fiscalização dessas mudanças. Ou seja, denunciar, nos jornais, contrastes da cidade que não se enquadrassem no plano de modernização.

²⁵ Tipo de habitação miserável muito frequente nas grandes cidades. Os mocambos são construídos sobre terrenos baldios e não preparados para a construção e, principalmente, sobre pântanos, formando conjuntos semelhantes às favelas.

²⁶ FELDHUES, Paulo Raphael Pires. Tradição e modernidade no Recife do Estado novo: considerações à luz das propagandas políticas e comerciais. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UNB, Brasília - DF 2010.p.74.

²⁷ ALMEIDA, M. G. A. A. A Construção da Verdade Autoritária. São Paulo: Humanitas, 2001.p.128.

O Historiador Paulo Raphael Pires Feldhues diz²⁸ que jornais como Diário da Tarde e O Pequeno também tinham colunas que registravam e criticavam os Hábitos considerados insalubres e atrasados do cotidiano da cidade. Além disso, o departamento de propaganda e educação sanitária divulgava, frequentemente, “conselhos de saúde” nos principais jornais, com objetivos de nortear os Hábitos da população.

Segundo a Historiadora Emanuelle Lins de Andrade qualquer²⁹ jornal que fizesse publicações contrárias aos interesses do governo de Agamenon seria censurado, além de sofrer outras punições. Desta forma, Agamenon Magalhães soube utilizar e controlar os meios midiáticos. Tendo pleno conhecimento da capacidade da imprensa em instruir e convencer o público.

3. MODELO DE MODERNIZAÇÃO ADOTADO POR AGAMENON MAGALHÃES

No início do governo de Agamenon, como vimos antes, os jornais e os meios de comunicação doutrinavam a ideia do nascimento de uma nova cidade moderna, mas que modelo de modernização seria adotado? Ou que influência predominaria no plano de Agamenon? Uma vez que, “[...] entre³⁰ o final da década de 30 e o início dos anos 40, o modelo de modernização germânica e o norte-americana disputava com maior ênfase a atenção de grupos intelectuais brasileiros”.

Sendo assim, dividimos a ideia de plano de modernização da cidade de Recife em dois períodos a serem abordados mais à frente. O primeiro de 1937 a 1942, devido ao plano de modernização da cidade não apresentar um modelo definido, alternando entre influências Europeias e norte americanas, mesmo com forte influencia germânica, segundo a historiadora Maria das Graças Ataíde, que iremos analisar mais à frente. Foi no segundo período de 1942 a 1945 que as influências americanas, na cidade do recife, passaram a ser mais fortes, e Recife passa a ser cede de uma base militar na América.

²⁸ FELDHUES, Paulo Raphael Pires. Tradição e modernidade no Recife do Estado novo: Considerações à luz das propagandas políticas e comerciais. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UNB, Brasília - DF 2010.p.80.

²⁹ ANDRADE, Emanuelle Lins: “Jornalismo dos anos de 1930: informação e doutrinação”. In: ANPUH – xxv simpósio nacional de história – Fortaleza, 2009.

³⁰ TOTA, ANTÔNIO PEDRO. O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Esse modelo de divisão em dois períodos distintos também foi utilizado pelo historiador Paulo Raphael Pires Feldhues, pois segundo ele o³¹ imaginário de moderno para a cidade de Recife pode ser dividido em dois momentos: de 1937 a 1942 , quando as influências foram diversificadas, não havendo um formato específico a ser seguido. Depois de 1942 a 1945 quando o padrão norte-americano de modernidade ganhou preponderância.

O plano de modernização também foi alvo de críticas, por parte da sociedade de Recife. Elas eram rebatidas pelo próprio interventor, que em sua resposta demonstra como eram diversificadas as influências do plano de modernização nesse primeiro período. Pois, que além da influência germânica e, americana também é possível identificar influências francesas:

A comissão instaurada pelo interventoria para executar o plano de modernização da cidade, composta por políticos ligados diretamente à interventoria, suscitou críticas. O interventor reagia apontando como exemplo a grande reforma da cidade de Paris [...] ³².

Com a resposta do interventor, é possível ver que as reformas urbanísticas, realizadas na capital francesa, também influenciavam o plano de modernização do Recife.

3.1 Plano de modernização entre os anos de 1937 a 1942

As medidas do governo do interventor do estado novo em Pernambuco foram rápidas. Como vimos anteriormente o novo governo, destruía tudo que simbolizasse o velho, pretendendo trazer o novo em todos os aspectos da cidade, construindo símbolos de memória futura de uma cidade moderna, como as grandes metrópoles do mundo ocidental.

Ao final do primeiro ano de governo da interventoria Agamenon Magalhães o Recife já se via envolvido por transformações físicas, como o projeto de

³¹ FELDHUES, Paulo Raphael Pires. Tradição e modernidade no Recife do Estado novo: Considerações à luz das propagandas políticas e comerciais. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UNB, Brasília - DF 2010.p.8.

³² ALMEIDA, M. G. A. A. A Construção da Verdade Autoritária. São Paulo: Humanitas, 2001.p.127.

aterramento dos mangues, e culturais, expresso na política de “orientações” dos hábitos dos cotidianos.³³

A cidade ia ganhando uma nova paisagem urbana saíram os mocambos e becos para dar lugar aos prédios mais altos e modernos. Para a historiadora Maria das graças Andrade Ataíde de Almeida, o³⁴ plano de modernização compreendia a importância de construir uma memória para o futuro, segundo a visão nazista da monumentalidade,³⁵ na paisagem urbana de Recife. Neste sentido o plano de modernização da cidade de Recife tinha uma forte influência dos planos de modernização implantados, nas cidades alemãs, por Hitler.

Nos primeiros anos do plano as influências e os modelos de modernidade eram bastante diversificados, em todos os seus aspectos. Exemplo disso foi o carnaval durante o qual foi introduzido um novo ritmo musical norte americano, o jaz.

A tentativa de reorganizar o carnaval do Recife, em 1938, reflete o desejo do Estado e da elite de encontrar uma saída para o carnaval provinciano, que deveria “civilizar-se”. Neste contexto, o jazz foi eleito em detrimento do frevo, indicado como o ritmo adequado aos clubes sofisticados da cidade [...] ³⁶.

O plano de modernização contava com os meios de comunicação da época, entre eles o cinema, que era controlado pelo governo. O controle baseava-se na censura e incentivo para exibição de filmes que levassem novos hábitos “civilizados” à população do Recife.

Nessa organização para modernização da cidade e, por conseguinte, do Estado de Pernambuco, Agamenon contou não apenas com a imprensa e o rádio na divulgação do seu programa de governo, mas organizou um departamento cinematográfico com a produção de filmes propagandísticos e educativos. [...] invadindo o cotidiano pernambucano, modificando hábitos, comportamentos e reinventando novos valores à sociedade. Todos esses cinemas deveriam notificar suas atividades ao DIP, que controlava, diariamente, essas atividades, preservando, de ações clandestinas, a ordem do estado estabelecida pelo governo Vargas, pois, o perigo de comprometê-la era bastante evidente. Por isso e para isso, havia o controle constante dos filmes, através da censura. Mesmo assim, o cinema possuía uma força

³³ FELDHUES, Paulo Raphael Pires. Tradição e modernidade no Recife do Estado novo: Considerações à luz das propagandas políticas e comerciais. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UNB, Brasília - DF 2010.p.75.

³⁴ ALMEIDA, M. G. A. A. A Construção da Verdade Autoritária. São Paulo: Humanitas, 2001.P.126

³⁵ Monumentalidade pertence, em geral, a altura e a profundidade, a amplitude de um espaço que ultrapassa seus limites materiais.

³⁶ ALMEIDA, M. G. A. A. A Construção da Verdade Autoritária. São Paulo: Humanitas, 2001.P.150

incrível, até por que era a principal diversão do povo e possuía um preço bastante módico³⁷.

Também nesse aspecto do plano de modernização, podemos identificar influências norte americanas, principalmente com a chegada do cinema falado. O autor Rostand Paraiso relata em seu livro de memórias *O Recife e a Segunda Guerra Mundial*, uma série de títulos de filmes norte a americanos, inclusive com passagem de atores americanos pela cidade.

O plano de modernização de Agamenon não foi aceito sem críticas, entre seus maiores críticos destacamos a figura do sociólogo e escritor Gilberto Freyre, que fazia críticas às mudanças urbanas e culturais implantadas na cidade.

No ano de 1937, logo após a implantação do Estado Novo, o pernambucano Agamenon Magalhães, que já havia sido Ministro da Justiça de Vargas, assumiu, como interventor, o Governo de Pernambuco. Gilberto conheceria, então, o seu maior inimigo político, que representava a modernização urbano-industrial, em moldes genuinamente capitalistas. Freyre, ao contrário, representava o conservadorismo agrário associado às fortes tradições monocultoras do latifúndio açucareiro. Magalhães fundou um jornal diário, no qual passaria a noticiar os “grandes feitos” do governo de Adolf Hitler, ao passo que Freyre defendia em sua obra o mestiço e a contribuição civilizacional do negro africano no Brasil. O interventor, um católico fervoroso, era adepto incondicional do projeto intelectual fascista de Charles Maurras. Ainda que Freyre também tenha se encantado com as idéias de Maurras, continuava a freqüentar, em Recife, terreiros de macumba (como convidado especial de muitos pais de santo de todo o Nordeste) e prostíbulos baratos (embora também namorasse moças e senhoras casadas da elite pernambucana)³⁸.

Ao se aproximarmos da década de 40 a influência norte América vai ganhando força frente a influência germânica em todo Brasil, devido a fatores internacionais que serão analisados mais a frente.

[...] podemos perceber que se instaura no Brasil um debate entre favoráveis e contrários da imensa influência que os EUA realizavam sobre o país. Isso aparece diretamente na cultura, ocorrendo, por exemplo, várias músicas

³⁷ MORAIS, Cláudio Jorge Gomes de. O cinema educativo em Pernambuco durante a intervenção de Agamenon Magalhães (1937-1945). In: ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.138.pdf>.> Acesso em: 15 abr. de 2016

³⁸ PINTO, João Alberto da Costa. GILBERTO FREYRE: Cultura e conflitos políticos em Pernambuco (1923-1945). Disponível em: <http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/revistaplurais/article/viewFile/67/92>>. Acesso em: 16 abr. de 2016 .

acerca de tal tema: algumas anti-imperialistas, outras que defendiam que o atraso brasileiro seria superado com tal aproximação³⁹.

A aproximação com os americanos vai criando debates entre qual modelo a ser seguido em Pernambuco, mas o norte americano vai ganhando mais força.

3.2 Plano de modernização entre os anos de 1942 a 1945

A partir de 1942 o plano de modernização do para o Recife do interventor Agamenon Magalhães, adota um modelo de modernidade baseado em um modelo norte americano. Essa aproximação norte americana foi fruto das novas políticas adotadas por Vargas a partir da década de 40.

A Historiadora Emanuelle Lins de Andrade diz⁴⁰ que a vitória da presença dos Estados Unidos foi resultado de negociações e do isolamento alemão devido a Segunda Guerra Mundial. Essas negociações assinadas no início da década de 40, com os Estados Unidos, renderam para o Brasil ganhos como a construção da siderúrgica de Volta redonda e a aquisição de novos armamentos para as forças armadas. O país obteve ganhos e modernização, porém esse desenvolvimento trouxe prejuízo para o projeto de “abrasileirar” os brasileiros, implantado pelo Estado Novo, pois o país, a partir de 1942, passa a sofrer uma forte influencia Americana.

Essa influência também é chamada por Historiadores como Antônio Pedro Tota e Emanuelle Lins de Andrade de projeto de “americanização”, mas analisaremos essa conceituação, mais a fundo um pouco mais adiante.

“E agora, além do imperialismo econômico, havia o recém-chegado imperialismo cultural, intensificado durante a guerra pela política da “boa vizinhança” com os Estados Unidos.”⁴¹

A guerra e a política externa do governo de Vargas tiveram impactos no plano de modernização de Agamenon.

³⁹ MEIRA CARVALHO, Marina Helena: Americanismo e nacionalismo em anúncios comerciais durante o Estado Novo. In: 9º Encontro nacional de História da mídia. UFOP – Ouro Preto – Minas Gerais 2013.

⁴⁰ ANDRADE, Emanuelle Lins.: Tio Sam Dançando Frevo: a Presença estadunidense nos periódicos de Recife (1937 a 1942). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UFPE, Recife- PE 2000 p. 48 - 49.

⁴¹ FERRAZ, Francisco César. Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial, Rio de Janeiro, Jorge Zahar 2005, p.28

Somente após meses de negociações pacíficas de ambos os lados, no início de 1942 foi autorizado o uso das bases do norte e nordeste brasileiro às forças armadas Norte-americanas. Dessa forma, o governo brasileiro, que desde o início da guerra manifestava neutralidade aos poucos tornava-se aliados dos Estados Unidos.[...] A guerra poderia ser, assim, o “atalho” para o desenvolvimento econômico e social de um país[...] ⁴²

Recife se transforma, com aumento de cidadãos americanos na cidade e com a instalação de uma base militar americana.

Em janeiro de 1942, chegava a Divisão de Cruzadores, composta por seis navios. Com a declaração de guerra, a proteção da navegação marítima no litoral do Brasil (em especial do Saliente Nordestino), passou a ser feita pela Força do Atlântico Sul, dos Estados Unidos, mais tarde denominada 4ª Esquadra americana, com base no Recife. O vice-almirante e comandante da IV Esquadra, Jonas Howard Ingrahm, foi nomeado por Vargas chefe das Forças Navais no Brasil, cujo centro de comando era baseado em Recife. O gesto causou insatisfação em alguns setores políticos e militares, que não concordavam com a chegada dos americanos e a concessão de bases operadas por eles em nosso território. No Brasil, a presença americana foi proporcionalmente bem menor, mas de grande efeito, para influenciar a sociedade local ⁴³

O Recife que já passava por um processo de mudanças realizados no plano de modernização da cidade feito pelo interventor Agamenon Magalhães, que teve também de realizar mudanças na cidade para receber essa população Norte Americana de civis e militares.

O aumento da presença dos militares norte-americanos no Recife foi evidenciado, sobretudo, com a criação da Quarta Esquadra e a consequente ampliação desta força através da comissão de várias belonaves, aeronaves, dirigíveis e pessoal em terra. Deste modo, a base naval norte-americana no Recife teve que disponibilizar locais e instalações para alojamento, descanso, recreação, divertimento, atividades culturais para esses homens que por lá passassem. ⁴⁴

Deste modo, o projeto de modernização do interventor, que vinha sendo executado na cidade, teve de se adequar às mudanças da política externa do governo Vargas, e a um novo contingente populacional que demandava novas

⁴² Idem.

⁴³ SILVA, João Alberto Barone Reis e. 1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

⁴⁴ FONSECA, Manoel Felipe Batista. Base fox: aspectos do estabelecimento e desenvolvimento da base naval da u.s. navy no recife durante a campanha do atlântico sul (1941-1943). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UFPE, Recife- PE 2014.

mudanças urbanas na cidade. Assim, o modelo de modernização adotado em Recife despreza a ingerência alemã e adota o modelo de modernidade americano.

4. PROJETO DE AMERICANIZAÇÃO

A partir da década de 40, em meio a segunda guerra mundial, o governo americano do presidente Roosevelt muda sua política externa para a América Latina, buscando agora uma política de aproximação chamada de política da boa vizinhança.

No esforço de conquista de alianças para a guerra, os Estados Unidos intensificaram sua política de “boa vizinhança” seus fundamentos eram o intercâmbio econômico, político e cultural entre os Estados Unidos e seus vizinhos latino-americanos, a defesa da autodeterminação dos povos e a constituição de uma política conjunta entre os países do continente⁴⁵.

Essa política que também pode ser chamada de um “projeto de americanização”, pois levava aos países da América Latina a uma aproximação do estilo de vida americano. Assim, para a população dos países da América Latina o estilo de vida americano era sinônimo de modernidade e sofisticação.

Os artifícios empregados nessa “conquista” bem-sucedida foram os meios de comunicação, particularmente o rádio e o cinema, usados como parte da denominada Política de Boa Vizinhança desenvolvida durante o governo Roosevelt. Sob a ameaça da conquista dos trópicos pelos nazistas, tentou-se atrair a simpatia pelo estilo de vida norte-americano, estratégia mais segura e eficaz do que a ameaça aberta de intervenção bélica. Paramos de olhar para a Europa e passamos a admirar o progresso norte-americano, seu cinema, a indústria de gadgets, seu “moderno” estilo de vida⁴⁶.

Esse projeto também vai chegar ao Brasil, sendo o maior país da América Latina, era uma área de interesse para os Estados Unidos, assim os americanos buscaram uma política de aproximação com o Brasil que será examinado mais adiante.

4.1 Projeto de Americanização no Brasil

⁴⁵ FERRAZ, Francisco César. Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial, Rio de Janeiro, Jorge Zahar 2005, p.28-29.

⁴⁶ TOTA, Antônio Pedro de. O IMPERIALISMO SEDUTOR: a americanização do Brasil na época da segunda guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 235 p.

O Brasil vai ser alvo da política de aproximação dos Estados Unidos, essa aproximação é paradoxal à política até então implantada pelo Estado novo, que buscava o nacionalismo⁴⁷ na literatura, na arte, na música em todos os aspectos da sociedade brasileira.

[...] a busca pelo desenvolvimento do Brasil sabotou outro projeto de Vargas, o nacionalismo. Ao permitir e apoiar a penetração estadunidense no Brasil, em troca de benefícios comerciais e industriais, o governo nacionalista contribuiu para o processo de americanização do Brasil.⁴⁸

O Brasil passava, assim, a consumir cultura americana, através da popularização do cinema norte americano e suas músicas. A modernidade era o estilo de vida americano mostrado nos cinemas e revistas, isso incentivado pela política da boa vizinhança norte americana, e apoiado pelo Estado Novo.

O fato dos EUA ser um país desenvolvido, ou seja, de primeiro mundo, gera a ambição de se progredir, de se ter uma vida americanizada. O que é moderno, o que é novo, deve ser seguido. E se o símbolo de modernidade está no exterior, então, irão imitá-lo, apropriá-lo⁴⁹.

Para promover o plano de aproximação, foi criado, nos Estados Unidos, o Office of the Coordinator of InterAmerican Affairs (OCIAA), também chamado de Birô, dirigido por Nelson Rockefeller⁵⁰. Segundo Tota⁵¹, "O órgão funcionou como uma verdadeira fábrica de ideologia", incentivando a aproximação através da comunicação e informação. A Divisão de Cinema do OCIAA conquistou tanto Walt Disney quanto Carmen Miranda para a causa da liberdade nas Américas" e tinha

⁴⁷ O nacionalismo consiste em uma ideologia e movimento político baseados na consciência da nação. Expressam a crença na existência de certas características comuns em uma comunidade, nacional ou supranacional e o desejo de modelá-las politicamente. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/nacionalismo/>>. Acesso 06 de mai. De 2016.

⁴⁸ ANDRADE, Emanuelle Lins: Tio Sam Dançando Frevo: a Presença estadunidense nos periódicos de Recife (1937 a 1942). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UFPE, Recife- PE 2000 P. 46.

⁴⁹ MEIRA, Carvalho Marina Helena. Americanismo e nacionalismo em anúncios comerciais durante o Estado Novo. In: 9º Encontro nacional de História da mídia. UFOP – Ouro Preto – Minas Gerais 2013.

⁵⁰ Nelson Aldrich Rockefeller, foi o 41º Vice-Presidente dos Estados Unidos, e 49º governador de Nova Iorque, filantropo e empresário. Líder da ala liberal do Partido Republicano, foi governador do seu estado natal de 1959 a 1973, onde lançou muitas obras de construção e projetos de modernização. Investiu no Brasil nos setores mais diversos, da agricultura à arte contemporânea. Revista PODER: o amor de Nelson Rockefeller pelo Brasil e pelo sexo oposto. Disponível em: <<http://glamurama.uol.com.br/revista-poder-o-amor-de-nelson-rockefeller-pelo-brasil-e-pelo-sexo-oposto/>>. Acesso em: 06 mai. de 2016.

⁵¹ TOTA, Antônio Pedro de: O IMPERIALISMO SEDUTOR: a americanização do Brasil na época da segunda guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

como missão promover a produção de filmes e cinejornais sobre os “Estados Unidos e outras Américas” (como éramos chamados).

O estado novo colaborou diretamente nesse processo, através de interferência nos meios de comunicação.

“O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) colaborou estreitamente com o OCIAA, chegando a ceder parte do tempo do programa a Voz do Brasil para divulgar notícias sobre a guerra e os Estados Unidos.”⁵²

Os jornais Brasileiros que vinculassem o modelo de vida americano, ou seja, o ideal de liberdade americano, também tinham benefícios econômicos. Assim, os americanos faziam uso de seu poder econômico para introduzir seu projeto de americanização no Brasil.

Devido a escassez de papel de imprensa, as licenças de exportação de papel dos Estados Unidos eram facilitadas para os jornais favoráveis à causa americana. Além do papel de imprensa, os jornais favoráveis eram também beneficiados com a propaganda de produtos americanos – um projeto concebido pelo Birô nos Estados Unidos com a finalidade de dar assistência econômica aos jornais da América Latina e, concomitantemente, assegurar uma reserva no continente para o pós-guerra.⁵³

Assim, os meios de comunicação sofriam a interferência do poder econômico americano, como também do Estado Novo, através da censura, pois, qualquer notícia que fosse considerada contra o novo regime era censurada.

4.2 Projeto de Americanização dentro do Plano de modernização do Recife.

Para o Historiador Karl Schurster o⁵⁴ projeto de americanização do Recife foi parte extensiva da política de boa vizinhança, iniciada anos atrás como um projeto do governo F. D. Roosevelt. Entre as características da política da boa vizinhança podemos destacar maior colaboração econômica e militar e negociação diplomática,

⁵² TOTA, Antônio Pedro de. O IMPERIALISMO SEDUTOR: a americanização do Brasil na época da segunda guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁵³ MOURA, Gerson. Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana. Coleção tudo é história. Editora Brasiliense, São Paulo, 1988.

⁵⁴ SCHURSTER, Karl. O “inverno do descontentamento” na propaganda de preparação para Segunda Guerra em Recife. Disponível em: <http://www.revistanavigador.com.br/navig17/dossie/N17_dossie3.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2016.

como estratégias de impedir a influência europeia, manter a estabilidade nas Américas e assegurar a liderança norte-americana no hemisfério.

O projeto de americanização, em Recife, se incorporou ao plano do interventor Agamenon Magalhães, de forma mais intensificada, com o advento da segunda guerra e com a instalação de uma base militar americana em Recife. Com isso, a cidade passava a ter um pedaço do território americano com povo americano, que já tinha seu modo de vida associado ao que era moderno e sofisticado, materializado dentro dos limites da cidade.

os americanos passaram a exigir, nessas suas bases em território brasileiro, extraterritorialidade, ou seja, transformar as bases americanas instaladas no Brasil em solo americano, o que implica estar tutelado pelo Estado Maior Norte-Americano.⁵⁵

O interventor Agamenon Magalhães considerava que a instalação da Base militar americana tinha levado o povo americano a se aproximar do povo recifense.

“O resultado é o que está aí. O marinheiro ou o soldado americano é hoje como se fosse qualquer do nosso povo, identificado com os nossos costumes e o nosso patriotismo.”⁵⁶

O plano do interventor Agamenon Magalhães sempre buscou levar novos hábitos à população do Recife, são os hábitos “modernos” e “Civilizados”. Com a aproximação com o povo Americano, seus hábitos também foram copiados ou assimilados como um modelo de modernidade, assim o gostos por alguns produtos americanos passaram a fazer parte da vida dos recifenses.

Era possível encontrar cigarros, sorvetes, chicletes, bebidas, óculos escuros, remédios como a penicilina e diversas vacinas, culminando com a abertura da primeira fábrica da Coca-Cola no Brasil. Estava definitivamente alterado o eixo de influência econômica e cultural, que se deslocou da Europa para os Estados Unidos [...]⁵⁷

Todas essas transformações na cidade, ocorridas no momento da guerra, formaram um terreno propício para a atuação do OCIAA. Essa atuação acelerou as modificações no cotidiano e no espaço urbano recifense que já vinham acontecendo

⁵⁵ SILVA, João Alberto Barone Reis e. 1942: o Brasil e sua guerra quase desconhecida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

⁵⁶ Folha da Manhã. Devemos estar preparados para qualquer eventualidade. 12/04/42. p. 01/05 Ed. Matutina.

⁵⁷ SILVA, João Alberto Barone Reis e. 1942: o Brasil e sua guerra quase desconhecida, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

no plano de Agamenon. Recife chegou assediado por um dos comitês da OCIAA, responsável pelo projeto de americanização no Brasil e na América Latina.

No Brasil, o OCIAA era dirigido por Berent Friele, assessor para assuntos internacionais de Rockefeller. A capital do país, Rio de Janeiro, e a cidade de São Paulo, em virtude de sua importância econômica, abrigavam um escritório do OCIAA. Outras capitais como Belém, Fortaleza, Natal, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre possuíam subcomitês de apoio.⁵⁸

Durante esse período, a OCIAA trabalhava em Recife difundindo o estilo de vida americano, como por exemplo, com a distribuição de grandes exemplares de periódicos norte-americanos na cidade. Também criando na população a ideia de que isso traz um benefício para a população, como podemos ver na matéria do Diário de Pernambuco da época:

(...) Nos cinemas, nos hotéis, nos bares o ambiente é francamente internacionalizado. Até certos cafés já têm o letreiro em inglês. (...) É mais fácil encontrar nas livrarias um número do "Life" ou do "Time" que de qualquer outra publicação. Isso está ocorrendo para melhorar o nível cultural do povo.⁵⁹

O projeto de americanização no Recife também atingiu as escolas. Agamenon implantou um plano de modernização de onde novas políticas educacionais no Recife.

[...] A política educacional e a ideologia autoritária estado novista podem ser percebidas por meio do projeto pedagógico proposto pela interventoria de Pernambuco, que, sabiamente, colocou a educação a serviço do regime autoritário[...]⁶⁰

Assim, a interventoria de Pernambuco e o OCIAA buscaram, através da educação a aproximação com os Norte americanos, como podemos ver na matéria do Diário de Pernambuco, onde se utilizou o passado histórico do Recife para reinventar a partir de uma visão de presente; uma tradição americanista na cidade através da ressignificação do passado.

⁵⁸ MOURA, Gerson. Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense, 1988

⁵⁹ DP, 04/08/1943. Cousas da Cidade.

⁶⁰ ALMEIDA, M. G. A. A. A Construção da Verdade Autoritária. São Paulo.: Humanitas, 2001.P36.

Seria interessante que no próximo dia 14 – consagrado ao ideal da amizade dos povos do continente – todos os colégios e escolas do Recife, celebrassem esse espírito americanista, que hoje nos anima, mais do que nunca, na luta contra o nazismo. No mais, o Recife sempre foi uma cidade americanista. No começo do século, Cabugá procurava articular-se com os americanos, para ajudar-nos a proclamar a independência e a República. [...] americanos. Fomos assim precursores da amizade e da boa vizinhança entre os povos deste continente. Agora, estamos todos unidos para um mesmo fim, Precisamos formar na mocidade uma sólida mentalidade americanista, não somente para que os povos do continente continuem unidos nesta hora, mas, sobretudo, no futuro, quando se impõe desenvolver, por todos os meios, uma larga e generosa política de interpenetração cultural e econômica.⁶¹

Segundo o historiador Jorge Carvalho do Nascimento, a⁶² americanização do ensino é um fenômeno do mundo industrializado sendo definido como espírito dos modernos tempos, assim esse materialismo e essa americanização foram introduzidos na esfera do ensino.

Para Recife, isso foi muito positivo, pois o plano do interventor Agamenon Magalhães de modernização da cidade sempre suscitou o espírito de modernidade, de industrialização. E dessa forma, as tradições e feições rurais da cidade que representavam a República Velha e o atraso foram desprezadas.

Os americanos utilizaram o poder aquisitivo, nesse plano de americanização na cidade, Recife que passava por mudanças urbanísticas, devido ao plano de Agamenon, agora ganha novo impulso, com capital americano na cidade como podemos ver na entrevista, com o então prefeito de Recife Novais Filho na matéria do jornal folha da manhã.

Não há negar que a guerra nos trouxe grandes vantagens. Muitas obras têm sido levantadas a efeito, muitas tropas de terra, mar e ar estão sediadas no Recife. E onde há tropa há poder aquisitivo certo, há animação para o comércio, para os produtores, surge a prosperidade. Sob este aspecto, é inegável que o Recife tem adquirido em meses de guerra o que não conseguiria em anos de paz.⁶³

Exemplo disso foi à construção da “Fourth Fleet Farm” em português “Fazenda Cruzeiro do Sul”. Com capital americano, na área rural da cidade de Recife, próximo ao bairro da Várzea. Essa fazenda trouxe modernas técnicas americanas de produção agrícola para o estado. Assim, a americanização também

⁶¹ DP, 11/04/1943. Cousas da Cidade.

⁶² NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. As notas de sylvio romero e o culturalismo do século XIX Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/download/29071/pdf_1>. Acesso em: 26 abr. de 2016.

⁶³ APEJE, Folha da Manhã (Edição Matutina), 21/01/1943, p. 3.

era levada como exemplo para produção rural, sendo um sinônimo de modernidade no campo.

Perceberam rápido a diferença óbvia entre os produtos oriundos da fazenda da Esquadra e aqueles normalmente produzidos na vizinhança. Nos domingos e feriados as famílias locais a visitavam em massa, os estudantes de agronomia vinham, mesmo de fora do estado de Pernambuco, para observar e estudar as técnicas empregadas. Lá, pois, sempre existiu o entendimento de que, quando a Esquadra norte-americana não tivesse mais necessidade da fazenda, esta seria entregue ao governo de Pernambuco⁶⁴

Na cultura, o comitê do Recife do OCIAA teve uma grande atuação, com o apoio dos jornais da capital pernambucana, promovendo a cultura americana na cidade. Segundo o Historiador Marcos Alexandre, o⁶⁵ comitê promovia o cinema americano na cidade como a produção de documentários sobre a cidade além de visitas de artistas americanos a cidade.

A americanização na cidade era percebida pelos artista populares, como podemos ver na letra de um dos frevos de Nelson Ferreira, do início da década de 40, cheio de palavras em inglês:

Amor, eu vou embora, /
 ai vem o teu papai, /
 só te vejo amanhã, my baby, /
 atualmente, só se fala inglês, /
 está tudo diferente, /
 diferente pra chuchu, /
 é yes, kiss me, okay, /
 até eu já sei dizer: /
 I love you...

Portanto o plano de americanização, promovido pelo governo dos Estados Unidos da América foi implantado, em Recife, com ajuda do governo do interventor Agamenon Magalhães. Sendo promovida através de políticas de governo que buscavam modernizar a cidade, por orientação do Estado Novo, caracterizando-se como um projeto ideológico que buscava aproximar os brasileiros ao estilo de vida

⁶⁴ NHHC, NDL, United States Administrative History of World War II, Commander in Chief, Atlantic Fleet, Volume XI, Commander South Atlantic Force, p. 174.

⁶⁵ ARRAS, MARCOS ALEXANDRE DE MELO SANTIAGO: Discursos sedutores: A difusão cultural estadunidense e um novo paradigma do moderno no Recife (1940-1946). Dissertação de mestrado. Florianópolis, UFSC, 2009.

americano, garantindo o mercado local para serviços e produtos americanos, e mascarando um regime de governo autoritário.

REFERÊNCIAS:

AMORIM, Geovane Aparecido de: **O governo Vargas, uma breve contextualização**. Disponível em:<

http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/o_governo_vargas_uma_breve_contextualizacao.pdf>. Acesso em: 28 de abril de 2016.

ALMEIDA, M. G. A. A. **A Construção da Verdade Autoritária**. São Paulo.: Humanitas, 2001.

ANDRADE, Emanuelle Lins. **Tio Sam Dançando Frevo: a Presença estadunidense nos periódicos de Recife (1937 a 1942)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UFPE, Recife- PE 2000.

ANDRADE, Emanuelle Lins: “**Jornalismo dos anos de 1930: informação e doutrinação**”. In: ANPUH – xxv simpósio nacional de história – Fortaleza, 2009.

ARRAS, Marcos Alexandre de Melo Santiago: **Discursos sedutores: A difusão cultural estadunidense e um novo paradigma do moderno no Recife (1940-1946)**. Dissertação de mestrado. Florianópolis, UFSC, 2009.

CAPELATO, Maria Helena. **O Estado Novo: o que trouxe de novo?** In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida N. (Orgs). **O Brasil Republicano 2: o tempo no nacional-estatismo**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2006.

D'ARAÚJO, Maria Celina: **A era Vargas**. São Paulo: Moderna, 1997.

DAMASCENA, Gildete Jr: **O discurso de modernidade na era Vargas como instrumento de poder e na afirmação de uma classe de gestores no estado brasileiro**. Disponível em:

<[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(21\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(21).pdf)>. Acesso em 08 abr. 2016.

Dicionário Online de Português, disponível em: <<http://www.dicio.com.br/massa/>>. Acesso em 29 mar. 2016.

FELDHUES, Paulo Raphael Pires. **Tradição e modernidade no Recife do Estado novo**: Considerações à luz das propagandas políticas e comerciais. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UNB, Brasília - DF 2010.

FERRAZ, Francisco César. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar 2005.

FONSECA, Manoel Felipe Batista. **Base fox: aspectos do estabelecimento e desenvolvimento da base naval da u.s. navy no recife durante a campanha do atlântico sul (1941-1943)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UFPE, Recife- PE 2014.

GENTINILI, João Augusto. **Modernização do estado e Racionalização administrativa do sistema estadual de ensino em Minas Gerais (1987-1989)**. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas.

GOMES, Ângela de Castro: **Sinais Sociais O Estado Novo e o debate sobre o populismo no Brasil**, Rio de Janeiro, v.9 n. 25 p.1-136, maio-ago. 2014.

GOMES, Ângelo de Castro. **A nova “Velha” República**: um pouco de história e historiografia. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v13n26/a01v1326.pdf>. Acessado em 05 de maio de 2016.

Jornal Diário de Pernambuco. **Coisas da Cidade**. 11/04/1943.

Jornal Folha da Manhã. **Devemos estar preparados para qualquer eventualidade**. 12/04/1942.

MEIRA CARVALHO, Marina Helena: **Americanismo e nacionalismo em anúncios comerciais durante o Estado Novo**. In: 9º Encontro nacional de História da mídia. UFOP – Ouro Preto – Minas Gerais 2013.

MORAIS, Cláudio Jorge Gomes de. **O cinema educativo em Pernambuco durante a intervenção de Agamenon Magalhães (1937-1945)**. In: ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.138.pdf>.> Acesso em: 15 abr. de 2016

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. Coleção tudo é história. Editora Brasiliense, São Paulo, 1988.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **As notas de Sílvio Romero e o culturalismo do século XIX** Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/download/29071/pdf_1>. Acesso em: 26 abr. de 2016.

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães: consolidação e crise política**. Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 1984.

PANDOLFI, Dulce Chaves: **Os anos de 1930: as incertezas do regime**. In: ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.182.pdf>. Acessado em 04 de abril de 2016.

PANDOLFI, Dulce Chaves: **Repensando o estado novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PINTO, João Alberto da Costa. **GILBERTO FREYRE: Cultura e conflitos políticos em Pernambuco (1923-1945)**. Disponível em: <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/revistaplurais/article/viewFile/67/92>>. Acesso em: 16 abr. de 2016 .

Revista PODER: **o amor de Nelson Rockefeller pelo Brasil e pelo sexo oposto**. Disponível em: <<http://glamurama.uol.com.br/revista-poder-o-amor-de-nelson-rockefeller-pelo-brasil-e-pelo-sexo-oposto/>>. Acesso em: 06 mai. de 2016.

ROSSI, Vanberto José: **As duas faces do primeiro Governo Vargas**. Disponível em: <http://www.memoriaoperaria.org.br/revistaeletronica/as-duas-faces-do-governo.pdf> acessado em 04 de abril de 2016.

SCHURSTER, Karl. **O “inverno do descontentamento” na propaganda de preparação para Segunda Guerra em Recife**. Disponível em: <http://www.revistanavigator.com.br/navig17/dossie/N17_dossie3.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2016.

SILVA, João Alberto Barone Reis e. **1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.